



# Estudos do Discurso

Diálogos entre Nietzsche e Foucault

Nilton Milanez (org)



Nilton Milanez (org)



## Estudos do Discurso

Diálogos entre Nietzsche e Foucault



João Pessoa - 2010

## Sumário

<b>Apresentação</b>	5
<b>Para que serve a História?</b> - Nilton Milanez	7
<b>Escrevendo nossas pequenas histórias:</b> uma segunda reunião intempestiva - Nilton Milanez	10
<b>História para a vida:</b> pouquíssimas linhas para muitos acontecimentos - Nilton Milanez	13
<b>A descontinuidade e o infinito:</b> dos saberes entre lobos e cabritos - Nilton Milanez	16
<b>O homem sem pau:</b> ainda sobre o saber - Nilton Milanez	20
<b>Pensar a História e suas implicações com a vida</b> Janaina de Jesus dos Santos	23
<b>História:</b> modo de compreender acontecimentos Janaina de Jesus dos Santos	26
<b>Pensar a ciência histórica e seu fazer</b> - Janaina de Jesus dos Santos	31
<b>A vida como obra de arte</b> - Nilton Milanez	36
<b>Religião, História e produção do novo</b> - Wilson Fernando Júnior	40

**Primogenitura, ironia e cinismo**

Wilson Fernando Júnior e Fernanda Fernandes Rivera 43

**Juventude, História e saber** - Izadora Guedes 47

**Onde ela se esconde?** o percurso da justiça nas considerações  
intempestivas de Nietzsche - Luara Pereira Vieira 50

**Referências** 55

**Os autores** 57

**Expediente** 59

## Estudos do Discurso

### Diálogos entre Nietzsche e Foucault

#### Apresentação

Os textos que compõem este caderno, sob o título *Estudos do Discurso: diálogos entre Nietzsche e Foucault*, são o resultado das discussões em torno das *Considerações Intempestivas: da utilidade e desvantagem da história*, de Nietzsche, e da *Arqueologia do Saber*, de Foucault. A inquietação acerca desse intrincamento discursivo faz parte do projeto Análise do Discurso e Corpo: diálogos entre Nietzsche e Foucault, desenvolvido na UESB, pelo de grupo de pesquisa *Grudicorpo/CNPq* – Grupo de Estudos sobre o Discurso e o Corpo - e do *Labedisco/UESB* – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo.

Durante o ano de 2008, reunimo-nos em grupo para discutir e refletir sobre as questões propostas por Nietzsche sobre a história, tomando como parâmetros os questionamentos de Foucault sobre o saber. Os textos aqui encontrados espelham o ar efervescente e reticencioso sob o qual se iniciaram os estudos. Os breves apontamentos acerca de cada parágrafo das *Considerações Intempestivas* retratam os pontos básicos abordados em cada reunião. Preciso ressaltar, ainda, que a autoria dos pequenos textos aqui apresentados trazem as vozes e as posições do grupo, às vezes reguladas, às vezes dispersas, todas as vezes intempestivas.

A aproximação de Nietzsche e Foucault busca compreender, portanto, a epistemologia da teoria do discurso, abrindo vias para se pensar os deslocamentos que o Foucault da Análise do Discurso como ela é praticada no Brasil produziu a partir do pensamento nietzschiano. Os encontros para a discussão da obra de Nietzsche e seus entrelaçamentos com Foucault se dá semanalmente no *Labedisco/UESB*, durante o ano letivo, e promovem sustentação para os trabalhos de orientação e pesquisa desenvolvidas nesse espaço de encontros e discussões, tomando o discurso e o corpo como lugares de construção para os sujeitos.

Nilton Milanez  
Vitória da Conquista, outubro 2009

## Para que serve a História?

Nilton MILANEZ

História e vida, para Nietzsche, estão intrinsicamente ligados, abrindo vias para outras questões como sua contraparte na morte e a discussão sobre a própria felicidade. Diante dessas diversas ebulições, prefiro ter um olhar míope, reduzindo a discussão há dois pontos que, em si mesmos, são duas faces de uma mesma moeda: o esquecimento e a memória. Portanto, repito Courtine, meu orientador francês: *não há história sem memória*. Mesmo sem usar esse vocábulo, pelo menos ao longo do primeiro parágrafo estudado, a memória parece estar no centro para a compreensão do homem e da história. E para compreender memória, em nossas discussões, várias posições se deflagram. Luci<sup>1</sup> traz à tona a técnica mnemônica, ao dizer que tem “uma ótima memória”, no que se refere aos fatos de sua infância. Graça<sup>2</sup> faz surgir, então, a presença de Freud, refletindo sobre o tema a partir das noções de recalque e repressão na psicanálise. Eu falo da memória tomada no interior de atualização dos acontecimentos. Ao olhar Janaina<sup>3</sup>, pergunto-me sobre o papel da memória nos museus, porque ela passa

---

1. Professora Doutora Luci Mara Bertoni, do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

2. Professora Doutora Maria das Graças Fonseca Andrade, do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

3. Janaina de Jesus Santos. Mestranda em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

as manhãs cercadas pelas memórias de Conquista. Silêncio. O que Janaina pensaria sobre a memória?... Memórias de uma discussão.

Fica claro, assim, que esses são os nossos primeiros contornos da história. E o tilintar continua: [...] *é possível viver quase sem lembrança, sim, e viver feliz assim, como o mostra o animal; mas é absolutamente impossível viver em geral, sem esquecimento.* (NIETZSCHE, 2003, p. 9-10).

Que terror pensar que nunca poderia esquecer! Borges<sup>4</sup>, em espanto, me sacode entre incompreensões e compreensões agudas. Não esquecer é não poder morrer e, nessa hora, esqueço o medo desse lugar desconhecido e só quero mesmo poder deixar de lembrar. Enfim, sobre minha própria vida penso se o perdoar o outro, tão cristãmente, não é uma maneira de esquecer para dar lugar ao novo e poder continuar.

Bom, no meio disso tudo, fico pensando no quanto o apego de Nietzsche a sua identidade nacional levou o imbecil do Hitler a distorcer o que ele dizia. E penso também que se Nietzsche olhava para a sua cultura é porque temos mesmo que observar o que acontece ao nosso redor, o que está mais próximo de nós.

\*

Feliz estou por identificar em uma pouca leitura de Foucault, o Nietzsche que eu procuro (evidências da minha mediocridade): a noção de descontinuidade de Foucault (2000a, 2000b), que pode ser lida em suas *As Palavras e as Coisas* e, também, em *A Arqueologia do Saber*, ou seja, a quebra com a história tradicional, de um *continuum*, de causa e efeito. Foucault nos fala da Nova

---

4. Refiro-me ao escritor Jorge Luís Borges, autor de *Funes, El memorioso*, disponível em: <http://www.esnips.com/doc/75cda196-1bed-42b0-8c3c-ac8979c0a5e7/Borges,-Jorge-Luis---Funes-el-memorioso#>



História, pensando o sujeito em seus microacontecimentos e na sua irrupção e emergências históricas que escrevem e nos inscrevem na História. Em Nietzsche (2003, p.8), encontramos essa referência quando ele discute sobre a relação a-histórica do animal em relação ao homem: *o animal vive a-historicamente, ele passa pelo presente como um número, sem que reste uma estranha quebra.*

Enfim, a memória está em todo lugar e precisa ser olhada também dentro de nossa cultura. Não somente a memória como passado, mas a nossa herança erótica naquilo que ela tem de máxima vida, como o sopro de Cecília Meireles (1983), ao apontar nossa dispersão como sujeito: *Aqui está minha herança – este mar solitário, que de um lado era amor e, do outro, esquecimento.*

Resumindo, a história serve para a gente pensar a nossa história, aquela intimidade escondida, que com o passar dos tempos perde seu pudor e se lança publicamente aos olhos devoradores dos homens que buscam compreender, como nós, a si mesmos.

## Escrevendo nossas pequenas histórias: uma segunda reunião intempestiva

Nilton MILANEZ

Venho aqui para registrar e subjetivar a segunda reunião sobre o texto de Nietzsche (2003), *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. As discussões têm girado em torno dessa leitura e dos possíveis diálogos que podemos travar com a obra de Michel Foucault. Essa reunião, que se iniciou antes de seu começo, às 13 horas, na quinta-feira do dia 10 de Janeiro de 2008, despertou com a colocação da Luci, que começou pelo final da parte 2 do texto:

Se o homem que quer criar algo grandioso precisa efetivamente do passado, então ele se apodera dele por intermédio da história monumental; em contrapartida, quem quer fincar pé no familiar e na veneração do antigo cuida do passado como o historiador antiquário; e somente aquele que tem o peito oprimido por uma necessidade atual e que quer a qualquer preço se livrar do peso em suas costas carece de uma história crítica [...] (NIETZSCHE, 2003, p.25).

Essa introdução nos fez pensar sobre a história crítica, o último tópico do qual Nietzsche fala no texto. Seu objetivo é discutir a história monumental, a antiquária e a crítica. Descobrimos que ao se referir à história crítica, Nietzsche

se posicionava contra esse tipo de atitude, como também o faz em relação às duas outras. Luci e Janaina compreenderam, num primeiro momento, que a leitura crítica seria uma posição salutar frente à história, em seguida, desconstruindo essa versão ao considerar as ironias ou “paradoxos” (ITAPARICA, 2005) de Nietzsche, como se costuma dizer.

Sem dúvida, estávamos todos entusiasmados, Luci na cadeira do computador, Janaina e Luara<sup>5</sup> no sofá. Já tínhamos comentado da ausência de Graça, que nos fazia falta, e ainda esperávamos Sérgio<sup>6</sup>, no Skype, que não apareceu, porque se enrolou com aulas de seu estágio. Presenças e presenças pela ausência, a reunião continuou.

Vamos à história monumental. Destaco três pontos de Nietzsche sobre ela:

a) Negação da história monumental, pois dá voz somente aos célebres, que nela buscam encontrar a fama, ou seja, *a candidatura a um lugar de honra no templo da história onde ele mesmo pode ser uma vez mais mestre, consolador e admoestador*. (NIETZSCHE, 2003, p.18-19)

b) O apagamento da voz do “homem vulgar” (NIETZSCHE, 2003, p.20) na história monumental;

c) A história monumental se debruça sobre “efeitos em si” (NIETZSCHE, 2003, p. 23)

Nesse momento, Luci traz a construção da história do Brasil e as posições do colonizador, evidenciando a história dos vencedores também em Vitória da

---

5. Luara Pereira Vieira. Aluna do curso de Especialização: Comunicação e Marketing Empresarial, na Faculdade Juvêncio Terra - em Vitória da Conquista/BA; Bacharel em Comunicação Social (Jornalismo), pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Membro do Grudiocorpo/CNPQ.

6. Sérgio Paula Rosa (UEG).

Conquista, analisando o nome da cidade e seus vínculos com o ocultamento do massacre dos indígenas, corroborado por Janaina e sua própria experiência no Museu Regional, onde trabalha. Mauro estendeu-se sobre a questão da descoberta para Santo Agostinho, mas perdemos o fio da meada e o recuperamos a partir das aproximações do discurso de Nietzsche com o de Foucault. Foucault (2000b) em sua *Arqueologia do Saber* tratará das questões da história, rejeitando também essa história monumental, a história tradicional, e destacando, ainda, em outro texto seu *A vida dos homens infames* (FOUCAULT, 2001a), o lugar que os homens ordinários têm na construção da história. Portanto, essa relação fama/infâmia cruza os discursos nietzschianos e foucaultianos.

Chegando ao final, quero firmar uma posição de Luci, aquela em que desde o século XIX grandes pensadores têm falado sobre a história que privilegia somente um lado da moeda, o dos grandes, e ainda no século XXI, estamos discutindo isso e quiçá outros ainda nem a discutam, tomando a história tradicional como a única verdade. Para finalizar, tanto a história monumental, a antiquária, quanto a crítica, foram formas de dizer como não se colocar diante da história. Como se posicionar diante dela, então? Fica a questão.

Luara no canto do sofá, caneta na mão, folhas sobre o colo: nada a declarar nessa primeira reunião. Olhares entrecruzados, muitos, engolidas a seco. Hora de acabar. Falas se dispersam porta afora, no carro, na rua... E somente uma hora para escrever a história das nossas vidas e nos inscrever na nossa própria história.

## História para a vida: pouquíssimas linhas para muitos acontecimentos

Nilton MILANEZ

Tivemos nossa terceira reunião. Como sabem, tenho perseguido os diálogos de Foucault com Nietzsche. Eis, então, a que me presto nessas pouquíssimas linhas.

Nietzsche nos deixa claro em várias partes do terceiro parágrafo de suas *Considerações Intempestivas* que *a história serve à vida e é dominado por pulsões vitais* (NIETZSCHE, 2003, p. 27), cuidando e preservando as condições sobre as quais surgiu para aqueles que virão depois, *uma avidez incansável e cosmopolita pelo novo e pelo cada vez mais novo* (NIETZSCHE, 2003, p. 27). Isso nos insere numa perspectiva em que o presente é centro das discussões que envolvem a história monumental, antiquária e crítica. Mais especificamente, nesse parágrafo no qual discute a história antiquária, Nietzsche diz que *a história antiquária degenera-se justamente no instante em que a fresca vida do presente não a anima e entusiasmo mais* (NIETZSCHE, 2003, p. 28) [grifo nosso]. Quero, portanto, nessa brecha que Nietzsche nos dá, discutir a posição de presente e a noção de atualidade na obra de Foucault. Pergunto-me, pois, de que maneira pode esse presente se constituir? Devemos encará-lo como o presente do indicativo, do agora? Que discursos cruzam essa via do tempo? Para isso, precisamos nos deslocar para noções outras. Vamos a ela.

Foucault era um *diagnosticador do presente* (ARTIERES, 2004)

e, assim, inscrevia seu trabalho à sombra de Nietzsche, um dos primeiros a designar essa atividade na filosofia. Foucault queria devolver ao nosso presente suas rupturas e instabilidades, da maneira que sugere Nietzsche nos parágrafos que temos lido. Porém, Nietzsche (2003, p.28) mostra isso em seu negativo, ao dizer que *o sentido antiquário de um homem [...] tem sempre um campo de visão maximamente restrito; ele não percebe a maior parte do que existe [...]*. Já Foucault concentrava suas preocupações no acontecimento, nas séries dos discursos, nas práticas, nos comportamentos, nas instituições, elementos todos *que se estendem até nós* (REVEL, 2005, p.20).

Foucault coloca esse “nós”, portanto, no interior de um presente. Inicialmente, o filósofo tratará “presente” e “atualidade” como sinônimos. Mas uma diferença vai se destacar entre o que vem antes de nós, precedendo-nos, mas que continua, e o que determina uma ruptura na periodização que nos envolve. Refiro-me aqui à presença do “novo”, – colocado por Nietzsche (2003; 1998) nas *Considerações intempestivas* e também, até onde li no momento, em sua *Genealogia da moral* –, ao *surgimento do novo* que se dá por meio da atualização dos acontecimentos, retomado, ao meu ver, por Foucault (1999, p. 26), em *o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta*. Fica claro, assim, que o que caracteriza a atualidade é o sentido histórico<sup>7</sup> do *acontecimento* (PÊCHEUX, 1997).

Como meu objetivo é compreender essa discussão no interior da Análise

---

7. Itaparica apresenta: *Antes de um método, o sentido histórico se revela como uma tendência, uma atitude diante da vida, uma concepção do próprio saber* (p. 81), para depois, firmar uma posição: *Alçada à forma última de inteligibilidade dos fatos, elimina do homem a ação, confina-o no passado e impede tanto um presente autêntico quanto doa esperança de futuro.* (p 82). Cf. ITAPARICA, André Luis Mota. Nietzsche e o sentido histórico. In: **Cadernos de Nietzsche**, n. 19. São Paulo: Editora UNIJUI, 2005. Esse texto tem nos guiado, no momento, traçando um percurso da “história” na obra de Nietzsche.

do Discurso, trago o conceito de *acontecimento discursivo* (FOUCAULT, 2000b; NAVARRO-BARBOSA, 2004), cujo estatuto dá lugar às relações dos enunciados entre si, levando em conta tanto as relações entre grupos de enunciados e as relações entre enunciados, ou ainda, grupos de enunciados e acontecimentos que se insiram em outra ordem. Essas relações direcionam a expansão de um espaço no qual se desenvolvem as possíveis interpretações para esses acontecimentos: espaço constantemente aberto para interpretações e sempre propondo atualizações.

Da mesma maneira, Foucault sugere o estabelecimento da soma de todas as técnicas de interpretação do social e do homem, que têm sido utilizadas desde o mundo grego. Assim, poderíamos ler a história dos homens e de seus saberes: *Essa sugestão lhe permitia [a Foucault, em *As Palavras e as Coisas*] uma outra afirmação segundo a qual o importante na sociedade consiste seguramente mais na interpretação que na coisa* (FARGE, 1997). Efetivamente, somente a interpretação é capaz de dar sentido e consentir o sentimento que nasce da relação da interpretação com a opinião em torno e a partir dos enunciados, produzindo outras interpretações, portanto, outros acontecimentos.

Brevemente, busquei traçar como a noção de presente em Nietzsche se desdobra em Foucault na noção de acontecimento discursivo, tendo em seu cerne a idéia de “atualidade”, baseadas tanto em Nietzsche quanto em Kant<sup>8</sup>, não tendo contemplado este último nesta curta reflexão para não desconfigurar essa primeira relação Nietzsche/Foucault. Para finalizar, trago mais elementos para serem pensados do que proponho conclusões precipitadas sobre essa intrincada e tão estimável relação.

---

8. Para quem se interessar, vale a pena ler *O que são as luzes?*, de Foucault, nos Ditos e Escritos. Há também uma versão na net, disponível em <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/>, cuja tradução traz outro título: *O que é o Iluminismo*. Ainda, na mesma linha, seria imprescindível ler “Que é esclarecimento?”, de Kant, disponível em [http://www.serchris\\_e\\_diana\\_livros1.kit.net/kantrespondeperguntaesclarecimento.doc](http://www.serchris_e_diana_livros1.kit.net/kantrespondeperguntaesclarecimento.doc)

## A descontinuidade e o infinito: dos saberes entre lobos e cabritos

Nilton MILANEZ

A relação entre história e saber é constitutiva. Esses longos laços são firmados por Nietzsche (2003), hoje, ao discutirmos o quarto parágrafo de *Segunda Consideração Intempestiva*, e reafirmados por Foucault (2000b) na introdução da *Arqueologia do Saber*. Para Nietzsche (2003, p.33), *O saber histórico irrompe, aqui e ali, sempre novamente a partir de fontes inesgotáveis, o estranho e incoerente impõem-se, a memória abre todas as suas portas e, ainda assim, nunca estão suficientemente abertas* [grifo nosso]. Evidencia-se aqui um caráter específico do pensamento de Nietzsche, que é justamente o tema da descontinuidade, compreendendo-a como irrupção de acontecimentos, relevando um fenômeno de ruptura. Judith Revel (2004, p.68) nos explica:

O descontínuo nietzschiano é, antes de tudo, o registro em que se afirma a singularidade dos acontecimentos contra a monumentalidade da História, contra o reino das significações ideais e das teleologias indefinidas: é a narrativa dos acidentes, dos desvios e das bifurcações, dos retornos, dos acasos e dos erros que ‘mantém o que se passou na dispersão que lhe é própria. O Nietzsche que interessa a Foucault é primeiramente o das *Considerações Extemporâneas* [que nós conhecemos *Segunda Consideração Intempestiva*] que critica o projeto de uma história que tenha



por função “reconhecer, em uma totalidade fechada sobre si, a diversidade enfim reduzida do tempo [...]”.

A descontinuidade, portanto, está presente na obra de Nietzsche não somente na discussão e busca pela compreensão da história, mas na fragmentação de sua própria narrativa filosófica, marcada por planos diversos que se sobrepõem, se interrompem, se bifurcam, dispersando-se. Essa dispersão é característica, apontada por Foucault na constituição da maneira como nos posicionamos diante da história e do discurso. Isso faz com que a história seja um livro inacabado, um porvir, ou ainda se preferirem, um devir. A linha quebrada dos questionamentos, marcando o passo da descontinuidade, apresenta-nos uma unidade, um ponto em comum que faz com que relacionemos acontecimentos díspares em momentos diferentes.

Essa forma de compreender a história e o seu imbricamento com o discurso produz discursos de poder e discursos de saber, jogos em que é difícil separar um do outro. O conto dos irmãos Grimm, *O lobo e os sete cabritinhos*, citado por Nietzsche, mescla o exercício da história e sua conseqüente produção de saber. Discursivamente, o conto ao se iniciar em *Era um vez uma velha cabra que tinha sete cabritinhos. Ela gostava muito deles, como toda mãe* (IRMÃOS GRIMM, 2008) traz em si um já-dito, ou seja, a cristalização de um imaginário de mãe como aquela que cuida e protege, construindo um saber que configura o que é ser mãe, considerando atitudes antagonicas a essas como características que excluem, hierarquizam e condenam o sujeito que foge a esses padrões pré-estabelecidos.

Mas, para tomarmos o exemplo de Nietzsche, o lobo mau desse conto tem o seu castigo e a família se sente vingada, pois não bastou à mãe retirar da barriga do lobo os filhos que ele havia engolido, era preciso matá-lo, mas não de qualquer forma: era preciso eliminá-lo de maneira cruel. Por isso, enchem

sua barriga com pedras e comemoram a dor e o sofrimento daquele que havia, segundo seus instintos, devorado os cabritos. Mas se a cabrita também salvou seus filhotes por instinto, porque se dar ao trabalho de colocar pedras em seu estômago, costurá-lo e regojizarem-se com sua morte, “*O lobo está morto! O lobo está morto! E, de mãos dadas, dançaram de alegria com sua mãe, ao redor da fonte.*”? (IRMÃOS GRIMM, 2008). Na verdade, parece que o restabelecimento da ordem e a harmonia da família não era o único objetivo, denunciando a repulsa pelos desejos. Assim, ao meu ver, quando Nietzsche (2003, p.33) diz *o saber, consumido em excesso sem fome, sim, contra a necessidade, não atua mais como um agente transformador*, leva-me a pensar que essa intemperança não é da parte do lobo, mas da “vitimizada” família. Acrescento, ainda, que o limite estabelecido com a morte do lobo abre diante da linguagem, ou melhor, nela mesma, um espaço infinito. Para Foucault, a morte persegue uma idéia de recomeço, produzindo a narrativa de uma narrativa, que parece nunca se acabar. Estamos diante da constituição de um espaço virtual no qual a palavra encontra a fonte indefinida de sua própria imagem, ou seja, o reflexo da imagem em espelho sobre a morte, na qual se pode ao infinito representar um antes dela mesmo, o lugar dela e para além dela mesmo (FOUCAULT, 2001b). Nietzsche corrobora essa idéia e faz emergir discursos que nos projetam a um futuro sem fim, deixando clara a relação entre descontinuidade e história.

De qualquer forma, o nosso ponto é como um saber, produzido na história, toma forma de ato de recriação e reconstrução do sujeito, não mera reprodução de interioridades produzidas e fixadas no seio da história. Por isso, ao eleger o conto *O lobo e os sete cabritinhos*, Nietzsche determina uma unidade do discurso que movimenta esses incansáveis jogos entre poder/saber. Portanto, Nietzsche parece seguir um percurso que ao interromper seu texto, apresenta uma regularidade do discurso, que paradoxalmente nos lança ao infinito. Infinito que é possível se pensar por meio da linguagem, considerando a linguagem que

precede a própria linguagem de Nietzsche.

Para finalizar, o filósofo nos mostra como ele compreende e vive a história, não circunscrevendo o saber a enciclopédias, na sua encadernação e capas, como ele mesmo diz, mas promovendo o **nó na rede** do qual fala Foucault (2000b), colocando os enunciados em função enunciativa, isto é, postulando o lugar institucional de onde falam, firmando a posição dos sujeitos, determinados pela sua história e cultura. Diante de tudo isso, pergunto-me o quanto não temos das *enciclopédias ambulantes* (NIETZSCHE, p. 35), mas alegro-me quando me vem à mente Raul Seixas, recitando Nietzsche, e definindo o meu desejo diante da nossa história: *Eu quero ser essa metamorfose ambulante*. Metamorfose, um lugar de entremeio para nós, sujeitos.

## O homem sem pau: ainda sobre o saber

Nilton MILANEZ

No quinto parágrafo das *Considerações Intempestivas* de Nietzsche, o filósofo acentua o caráter mascarado do homem [*Tirai vossos casacos ou sede o que pareceis!* (NIETZSCHE, 2003, p.42), citando Cervantes] com a história. Estaríamos, como disse Nietzsche (2003, p.41), *viciados em história?* O problema todo nisso tudo é que estamos preocupados em elencar seus fatos, desconsiderando a história e o seu princípio fundamental que é o acontecimento. Por isso, o pensador afirma que o homem moderno vive a *super saturaçã*o da história e pertence a uma *geraçã*o de eunucos. Isso se compreende se entendermos que o homem se colocaria diante da história de maneira a mantê-la intacta, reforçando-a pelas “personalidades fortes” que a sustentam. A imagem do eunuco é trazida para problematizar o homem diante de seu objeto, a história, sem poder tocá-la, participar dela, inscrever-se nela e mesmo escrevê-la.

Novamente a discussão gira em torno da produção de saber, ou seja, o homem moderno reproduz o saber que incorpora, sem considerar suas posições e lugares que nela ocupa. Chama-nos a atenção para o nosso não questionamento de uma posição, dizendo que a eleição de um fato exclui outros e traz, assim, consequências e intervenções cujas fronteiras precisam ser determinadas. Nietzsche diz:

“Suponhamos que alguém se ocupe com Demócrito, então, a pergunta sempre fica para mim na ponta da língua. Por que não Heráclito? Ou Filon? Ou Bacon? Ou Descartes? – e assim por diante, arbitrariamente. E, então: porque justamente um filósofo? Por que não um poeta, um orador?”  
E por que em geral um grego, por que não um inglês, um turco? (NIETZSCHE, 2003, p.45)

Foucault compreenderá esse pensamento nietzschiano por meio do questionamento: porque este e não outro enunciado em seu lugar?, ou citando Foucault (2000b, p.49), em sua *Arqueologia do Saber*<sup>9</sup>, *Mas entre eles, que relações existem? Porque esta enumeração e não outra?*

Ao considerarmos as intervenções de Nietzsche e Foucault, tomamos os discursos e a história que os determina como irrupção de acontecimentos, *numa pontualidade e dispersões temporais que permitem que o discurso se repita, seja sabido, esquecido, transformado ou até mesmo apagado de nossos olhares* (MILANEZ, 2007, p.78). Isso converge para a idéia, do lado de Nietzsche<sup>10</sup>, de que o homem, visto como um eunuco, trata a história como algo *da qual nada surge a não ser histórias* (NIETZSCHE, 2003, p.43), excluindo dela a noção de acontecimento que lhe é intrínseca; do lado de Foucault, temos a noção de *acontecimento enunciativo*:

[...] relações entre os enunciados (mesmo que escapem a consciência do autor; mesmo que se trate de enunciados

---

9. FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Trad. Bras. De Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 49.

10. A nota 17 de *Segunda Consideração Intempestiva* aponta para “o fato de o termo história (Geschichte) em alemão derivar-se originariamente do termo “acontecimento” (Geschehnis). Uma história em que nada acontece estaria em franca contradição com o seu próprio sentido etimológico.”

que não têm o mesmo autor; mesmo que os autores não se conheçam); relações entre grupos de enunciados assim estabelecidos (mesmo que esses grupos não remetam aos mesmos domínios nem a domínios vizinhos; mesmo que não tenham o mesmo nível formal; mesmo que não constituam o lugar de trocas que podem ser determinadas); relações entre enunciados ou grupos de enunciados e acontecimentos de uma ordem inteiramente diferente (técnica, econômica, social, política). Fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre parara descrever, nele e fora dele, jogos de relações. (FOUCAULT, 2000b, p. 32) [grifo nosso]

Bem, podemos ver na discussão de Foucault a ideia de acontecimento por meio da qual Nietzsche queria ver a produção histórica, uma história que tornasse *qualquer personalidade “livre”* (NIETZSCHE, 2003, p.43); para Foucault uma história compreendida como acontecimento discursivo, tornando-se, como lemos acima, *livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações.*

Para finalizar, e não ficar ainda mais redundante do que já fui, busquei evidenciar as identidades nietzschiana e foucaultiana em relação à ideia de acontecimento para a história. Enfim, colocadas tais questões, inserem-se todas elas no âmbito da maneira como produzimos uma forma de pensar, que gera outras formas de compreensão, interpretação, ou seja, saberes, em torno de nossa ação na escrita da história.

## Pensar a História e suas implicações com a vida

Janaina de Jesus SANTOS

No quinto parágrafo de *Segunda Consideração Intempestiva*, Friederich Nietzsche tece críticas e ironias ao homem moderno e sua necessidade de cosmopolitismo, de máscaras e capas, de busca da “verdade” e da justiça e, por fim, de busca de sua identidade como homem moderno – sua concepção de vida e de história.

De acordo com o autor, o homem moderno sofre do mal da personalidade fraca, pois influenciado pelo cosmopolitismo dos romanos, herdou a perda da identidade no contexto global. Ao agregar novos traços do mundo exterior a sua identidade, o homem se vê como um quebra-cabeças em que nem todas as peças estão disponíveis e os encaixes não são perfeitos.

Isto nos remete às discussões do parágrafo quatro no qual, trazendo a metáfora do conto *O lobo e os sete cabritinhos*, pensamos que o acúmulo de conhecimento no homem moderno tem o mesmo efeito das pedras no estômago do lobo – não conduz à vida e sim à morte. A busca incessante pelo exterior cria no homem um espírito universal e impede a cristalização de uma personalidade forte e, ao mesmo tempo, faz dos homens meros expectadores e fruidores de suas conquistas, como um rebanho universal, em que as pessoas são apenas elementos de um grande rebanho indistinto.

Nietzsche questiona:

Em que situações desnaturadas, artificiais, e, em todo caso, indignas, há de cair, em uma época que sofre de cultura geral, a mais verdadeira de todas as ciências, a deusa nua e sincera, a filosofia?!? Em um tal mundo da uniformidade exterior imposta, ela permanece um monólogo erudito do passeante solitário, uma presa casual do indivíduo, um segredo oculto de alcova ou uma tagarelice inofensiva entre velhos acadêmicos e crianças. (NIETZSCHE, 2003, p. 43).

Há uma tentativa premente de homogeneizar e parametrizar tudo, tornando mensurável e objetivo. Conseqüentemente, perde-se a peculiaridade em favor de uma cientificidade de tudo. Como manter o elo entre as coisas e a vida passando pela ciência? Esse parece ser o desafio da história, segundo Nietzsche.

Nesse anseio pelo universal, a História é questionada pelo seu caráter científico e objetivo. Questionamo-nos, junto com Nietzsche, o que seria a História e qual a sua relação com a vida? Seria possível a uma disciplina que trata da vida dos homens ser objetiva? Qual seu compromisso com a verdade e com a justiça?

Segundo Nietzsche, a História deve se relacionar com a vida e impulsionar o homem a agir no presente, ou seja, o conhecimento deve se tornar vida. Entretanto, os homens modernos estão imbuídos do intuito de ser históricos: *A cultura histórica de nossos críticos não permite mais de maneira alguma que se chegue a um efeito em sentido próprio, a saber, a um efeito sobre a vida e a ação.* (NIETZSCHE, 2003, p. 47). De modo que os grandes fatos se perdem e são suavizados numa pluralidade de ecos e sombras que homogeneiza as pessoas, os fatos e as coisas.

Assim, a prática da História está separada da arte e da religião, no sentido que aquela busca a objetividade e estas se permitem ficar no nível da



percepção individual. Então, ele aponta a necessidade que o homem moderno tem de *compreender, calcular, conceber; no instante em que deveria manter em longo abalo o incompreensível como o sublime*. (NIETZSCHE, 2003, p. 41). Nesse sentido, *ele não vê algumas coisas que a criança efetivamente vê, ele não ouve algumas coisas que a criança ouve; estas coisas são justamente o mais importante* (NIETZSCHE, 2003, p. 41).

Observamos que o homem moderno, em nome de uma cientificidade, deixa de valorizar sua percepção enquanto pessoa, sendo conduzido ao conhecimento árido, que não produz efeito no mundo exterior e não se torna vida, tornando-se o “demônio frio do conhecimento”. *O indivíduo retraiu-se na interioridade, fora não se nota mais nada dele, o que nos dá o direito de duvidar se é possível que haja causas sem efeito!* (NIETZSCHE, 2003, p. 43)

Nesse embate entre objetividade e subjetividade, somos arrebatados à noção de consciência, como elemento do sujeito capaz de perceber as idéias, as coisas e as pessoas. Entretanto, devemos destacar, conforme Nietzsche, que a consciência nunca é plena, ela é constituída também pela ignorância, tornando singular a consciência de cada indivíduo.

Relacionamos o sujeito nietzschiano com o sujeito foucaultiano no ponto que a consciência é uma ilusão, sendo ele constituído historicamente de modo incessante, a partir de práticas de poder ou de saber. E não uma consciência transcendental da filosofia de Descartes a Sartre.

Nietzsche nos conduz a pensar que a história deve ser valorizada em si, com seus fatos que vão além da objetividade, em que é imperativo ao homem moderno ter coragem para fazer e assumir essa história. Ademais, o autor adverte que querer fazer de uma época pura história pode ser nocivo e perigoso, pois surge o embate entre o homem interior e o homem exterior, reivindicação de ser a época mais justa, perturbam-se os instintos do povo e dos indivíduos, além de produzir a crença na velhice humana e a sina do homem moderno em se findar.

## História: modo de compreender acontecimentos

Janaina de Jesus SANTOS

Vejo-me diante de vários questionamentos após a leitura do parágrafo seis de *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*, de Friedrich Nietzsche, saltando-me aos olhos o que considero ser o mais intrigante, neste momento: fazer história é um conhecer a si mesmo?

Nietzsche começa nos conduzindo na reflexão se o homem moderno *tem direito de se denominar, por sua conhecida “objetividade” histórica, forte, isto é, justo, e em um grau mais elevado do que o homem de uma outra época?* (NIETZSCHE, 2003, p. 47). Em outras palavras: o homem moderno é mais objetivo e por isso mais justo que os outros em outras épocas?

Esses questionamentos nos conduzem a outro: a objetividade exige justiça ou a justiça é a causa apropriada desse efeito? O filósofo caracteriza o homem moderno como portador de uma personalidade fraca e se imagina possuidor da justiça sem o ser, por isso, presunçoso e cada vez mais injusto. Surge, então, a veneração por *aquele que possui o impulso e a força para a justiça* (NIETZSCHE, 2003, p. 48). De nada vale a vontade para praticar a justiça, se não houver a força para a ação propriamente dita, o que torna a prática da justiça ainda mais rara.

Para fazer História, é imperativo que o historiador tenha esse impulso para a justiça que conduz à verdade e aos fatos mesmos. Como é possível ao

historiador alcançar essas virtudes? Fazer-se pura razão diante da realidade seria o caminho? Nietzsche afirma que é necessário aos historiadores assumirem uma postura justa diante da vida e dos fatos, pois *somente a força superior pode julgar, a fraqueza precisa tolerar. [...] O quão improvável é com isto a abundância do talento histórico!* (NIETZSCHE, 2003, p. 51).

Na perspectiva nietzschiana, a questão do sujeito é determinante para pensar a História no contexto de busca da verdade e da justiça. Esse sujeito, imbuído de uma consciência, se percebe enquanto homem inserido no mundo, na história e na vida. A fim de se manter como indivíduo singular inserido no universal, é necessário ao homem ultrapassar o nível da simples instrumentalidade. Entretanto, a consciência não é um caminho direto e certo até a verdade.

Nesse sentido, evocamos o posicionamento de Michel Foucault sobre a verdade: *a separação entre o verdadeiro e o falso não é nem arbitrária, nem modificável, nem institucional, nem violenta [...] é talvez algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se.* (FOUCAULT, 2007b, p. 14).

Nesse sentido, Nietzsche nos leva a refletir que aquilo que conhecemos e que julgamos ser verdadeiro é simplesmente não o contrário da falha, mas uma forma da falha que se revela útil, produtiva, proveitosa para a existência, num dado momento e num dado lugar. Então, nós não temos como separar aquilo que é verdadeiro daquilo que é falso, porque nós não podemos conhecer nada de verdadeiro, apenas temos percepções dos objetos, das pessoas e dos fatos. A idéia de que a consciência pode conduzir a um acesso objetivo da verdade é mais uma forma de ilusão, precisamente essa forma de ilusão que surge com Sócrates.

Pensando o conceito de justiça relacionado ao de verdade, Nietzsche afirma: *nela unificam-se e escondem-se as mais elevadas e mais raras virtudes*

como em um mar insondável que recebe correntes de todos os lados e as engole (NIETZSCHE, 2003, p. 48). O que coloca em oposição o homem justo e o “frio demônio do conhecimento”: o homem é justo *na medida em que é um homem e tenta ascender da dúvida negligente à certeza rigorosa, da mais tolerante benevolência ao imperativo ‘tu deves’, da rara virtude da generosidade à mais rara de todas, a da justiça* (NIETZSCHE, 2003, p. 48); ao passo que o “frio demônio do conhecimento” não tem pulsão para a verdade e se dedica apenas a possuir conhecimento tanto mais quanto pode. Assim, o objetivo de alcançar a virtude da justiça coloca o justo *em uma altura solitária, como o exemplar mais venerável do gênero humano* (NIETZSCHE, 2003, p. 48).

Em outro momento, Nietzsche os opõe claramente: o justo,

ele quer a verdade, só que não apenas como um conhecimento frio e sem conseqüências, mas como uma juíza que ordena e pune, a verdade não como posse egoísta do indivíduo, mas como o direito divino de tresloucar todos os marcos das propriedades egoístas, em uma palavra, a verdade como o tribunal do mundo e como algo inteiramente diverso da presa capturada e do prazer de um único caçador. (NIETZSCHE, 2003, p. 49)

Ao questionar ao homem moderno sobre exigência das virtudes da verdade e da justiça, o filósofo denuncia as ilusões e incoerências que elas podem ser vítimas:

o mundo parece estar repleto daqueles que “servem à verdade” e, no entanto, a virtude da justiça é tão rara, tão raramente reconhecida e quase sempre odiada até a morte. [...] Em verdade poucos servem à verdade, porque apenas poucos têm a pura vontade de ser justos; e, mesmo entre estes, pouquíssimos têm a força para serem justos. (NIETZSCHE, 2003, p. 49)

Assim, verdade, justiça e objetividade são propostas como virtudes aspiradas pelo homem moderno, mas longe de ser acessível a todos, pois requer uma renúncia do si, um desprendimento pessoal: *tem-se em vista aqui aquele fenômeno estético, aquele desprendimento do interesse pessoal, com o qual o pintor diante de uma paisagem tempestuosa, sob raios e trovões ou sobre o mar revolto, olha sua imagem interior; tem-se em vista a plena imersão na coisa.* (NIETZSCHE, 2003, p. 52)

Em tudo isso, reside a vontade do homem moderno de colocar os fatos em um todo homogêneo e explicável. Atendendo a esse anseio, a história tradicional responde com a imposição de linearidade, relação de causalidade, busca de origem:

Há dezenas de anos que a atenção dos historiadores se voltou, de preferência, para longos períodos, como se, sob as peripécias políticas e seus episódios, eles se dispusessem a revelar os equilíbrios estáveis e difíceis de serem rompidos, os processos irreversíveis, as regulações constantes, os fenômenos tendenciais que culminam e se invertem após continuidades seculares, os movimentos de acumulação e as saturações lentas, as grandes bases imóveis e mudas que o emaranhado das narrativas tradicionais recobriria com toda uma densa camada de acontecimentos. (FOUCAULT, 2007a, p. 3).

Nesse sentido, tomamos mais uma vez as palavras de Nietzsche:

Pensar a história como objetiva é o trabalho silencioso do dramaturgo, a saber, pensar tudo conectado, tecer o esporádico no todo – por toda parte, sob a presunção de que uma unidade do plano das coisas deve ser alcançada, quando ela não estiver presente. Assim, o homem estende a

sua teia sobre o passado e o domestica, assim se expressa seu impulso artístico – mas não o seu impulso para a verdade, para a justiça. Objetividade e justiça não têm nada a ver uma com a outra. Dever-se-ia pensar uma historiografia que não tivesse em si mesma nenhuma gota da verdade empírica comum e que pudesse requisitar o predicado da objetividade no grau mais elevado. (NIETZSCHE, 2003, p. 52-53)

Percebemos que fazer história, para Nietzsche assim como para Foucault, é um ocupar-se da vida para a vida, respeitando suas discontinuidades na irrupção dos acontecimentos. Isso quer dizer conservar os instintos do homem em suas práticas e não simplesmente perseguir um traço analítico objetivo a todo custo.

## Pensar a ciência histórica e seu fazer

Janaina de Jesus SANTOS

No início do parágrafo sete de *Segunda Consideração Intempestiva*, ao questionar sobre a verdade e a justiça na construção da história, Nietzsche afirma que:

O sentido histórico, quando vige *sem travas* e retira todas as suas conseqüências, desenraiza o futuro, porque destrói as ilusões e retira a atmosfera das coisas existentes, a única na qual podiam viver. A justiça histórica, mesmo se real e exercitada com pureza de intenção, é, por isso, uma virtude terrível, à proporção que confunde o vivente e o leva à decadência: seu julgar é sempre um aniquilar. (NIETZSCHE, 2003, p. 58)

A busca incansável pela objetividade e pela verdade faz com que o homem perca suas características naturais e suas percepções sobre a vida. Aparece, então, o embate entre a objetividade e os instintos no homem em sua relação com a história e a vida: *se a justiça vige sozinha, então o instinto criador é enfraquecido e desencorajado*. (NIETZSCHE, 2003, p. 58)

Esses questionamentos aparecem na *Nova História*, que é proposta em oposição a vários preceitos da história tradicional: o foco dos historiadores deixa de ser épocas ou séculos, para ser as rupturas; o método já se configura

como um posicionamento do historiador; possibilidade de várias formas de encadeamento; etc. Diante desse novo fazer história, Foucault (2007a) destaca a crítica ao documento e evidencia não a tarefa da interpretação, mas a própria elaboração do documento, como um constructo que marca por si o método do analista.

Na história tradicional, o historiador tinha o papel de apagar as discontinuidades para mostrar uma linearidade entre as épocas e os acontecimentos numa relação de causalidade. Entretanto, ocupando-se da irrupção de acontecimentos históricos em sua discontinuidade, Foucault assevera:

Um dos traços mais essenciais da história nova é, sem dúvida, esse deslocamento do descontínuo: sua passagem do obstáculo à prática; sua integração no discurso do historiador, no qual não desempenha mais o papel de uma fatalidade exterior que é preciso reduzir, e sim de um conceito operatório que se utiliza; por isso a inversão dos signos graças à qual ele não é mais o negativo da leitura histórica (seu avesso, seu fracasso, o limite de seu poder), mas o elemento positivo que determina seu objeto e valida sua análise. (FOUCAULT, 2007, p. 10).

Nesse sentido, tomamos as palavras de Nietzsche para reafirmar a necessidade de se fazer história que sirva para a vida e não apenas como exercício de epígonos e acúmulo de conhecimento:

a história é o oposto da arte: e somente se a história suporta converter-se em obra de arte, ou seja, tornar-se pura forma artística, ela pode, talvez, conservar instintos e, até mesmo, despertá-los. No entanto, uma tal historiografia poderia contradizer inteiramente o traço analítico e não artístico de nossa época, sim, sentida por ele como uma falsificação. A



história, porém, que não apenas destrói, sem que um impulso construtivo interno a conduza, torna a longo prazo as suas ferramentas esnobes e desnaturadas: pois tais homens destroem ilusões e “quem destrói ilusões em si e nos outros pune a natureza como o tirano mais cruel”. (NIETZSCHE, 2003, p. 59).

Questionamo-nos: a objetividade exacerbada conduz à “verdade” da história? Ou torna a história apenas como um conhecimento sobre a vida sem maiores comprometimentos?

Destacamos, mais uma vez, que o método e o recorte constroem unidades novas de análise e institui séries e séries de séries (FOUCAULT, 2007a), como afirma Nietzsche:

o “método” tornou-se o próprio trabalho, a pegada correta e o tom do mestre; um pequeno capítulo do passado totalmente isolado é sua perspicácia e o método aprendido é sacrificado; ele já produziu, sim, com as palavras mais orgulhosas, ele ‘criou’, ele se tornou então um serviçal da verdade por meio da ação e senhor no âmbito do mundo histórico. (NIETZSCHE, 2003, p. 63).

Relacionamos esse fazer história com o método arqueológico, que busca antes libertar o homem do peso das interpretações do passado, criando possibilidade de outras interpretações, que predizer verdades e estabelecer causalidades na história.

O analista é o responsável pelo recorte de seu objeto, já se posicionando ao delimitá-lo, ao isolar suas unidades e adotar critérios para a constituição das séries, conforme Certeau (2007, p. 50-51):

Quaisquer que sejam as posições próprias do autor, sua obra descreve e precipita o movimento que leva a história a se tornar um *trabalho sobre o limite*: a se situar com relação a outros discursos, a colocar a discursividade na sua relação com um eliminado, a medir os resultados em função dos objetos que lhe escapam; mas também a instaurar continuidades isolando séries, a particularizar métodos, diferenciando os objetos distintos que ela discerne num mesmo fato, a revisar e a comparar as periodizações diferentes, que fazem aparecer diversos tipos de análise, etc. de agora em diante, “o problema não é mais da tradição e do vestígio, mas do recorte e do limite”.

Nietzsche reflete sobre essa busca da verdade e sua relação com o fazer história mais uma vez, quando afirma:

Mas, mesmo este povo, sim, este homem que quer *amadurecer*, carece de um tal invólucro ilusório, de uma tal névoa protetora e veladora. Agora, porém, se odeia o amadurecimento em geral, porque se honra a história mais do que a vida. [...] Todavia, uma vida dominada desta maneira não é certamente muito valiosa porque é menos *vida* e assegura muito menos vida para o futuro do que a vida outrora dominada pelo não saber, mas pelos instintos e pelas poderosas imagens ilusórias. (NIETZSCHE, 2003, p. 61)

Conduz-nos a prerrogativa de que a história deve ser para a vida. Somente imbuídos dos instintos do homem, com todas as suas peculiaridades, podemos falar da vida e não apenas produzir e acumular informação sobre os objetos, os fatos e as pessoas. Dar vazão aos instintos faz com que as histórias tenham valor:

Sente-se prontamente que uma coisa soa diferente da outra e

produz um efeito diferente do outro: perder cada vez mais este sentimento de estranheza, não se espantar excessivamente com coisa alguma e, por fim, estar contente com tudo – é isto que se chama de sentido histórico, de cultura histórica. (NIETZSCHE, 2003, p. 62)

Assim como no método arqueológico, para Nietzsche, a verdade se distingue da verdade a descobrir da História tradicional, uma realidade que deve ser perseguida. Ela se coloca como verdades específicas através de efeitos de sentido produzidos discursivamente por acontecimentos no contexto sócio-histórico.

Outrossim, também na arqueologia não se acredita em uma verdade nem em uma interpretação verdadeira da história, mas em uma *vontade de verdade* (FOUCAULT, 2007b). Portanto, a interpretação é um processo histórico que nunca tem fim, nem um *a priori*. Tudo é uma interpretação: cada objeto é um objeto que se relaciona no mundo e é submetido à interpretação do homem.

## A vida como obra de arte

Nilton MILANEZ

Gostaria de fazer algumas considerações em torno de duas colocações de Nietzsche no sétimo parágrafo e olhá-las sob a luz das discussões foucaultianas, visto que temos nos esforçado para compreender a problematização nietzschiana sobre história na medida em que também lemos Foucault. Atento, portanto, a este enunciado: [...] *o sentido histórico quando vige sem travas e retira todas as suas consequências, desenraiza o futuro, porque destrói as ilusões e retira a atmosfera das coisas existentes, a única na qual podiam viver* (NIETZSCHE, 2006, p. 59). Quero, assim, entrelaçar, inicialmente, essa fala à ideia de análise enunciativa discutida por Foucault em *a Arqueologia do saber*.

### A análise enunciativa

Primeiro, a noção de que o sentido histórico “desenraiza o futuro” alavanca reflexões sobre a produção do novo, ou seja, uma certa forma de acontecimento, da maneira como a entendemos na Análise do Discurso. Acredito que o fio dessa meada nos leva a pensar *a particularidade da análise enunciativa* (FOUCAULT, 2000, p. 142). A análise enunciativa busca levantar temas em torno do esquecimento e da origem perdida, procurando o modo de existência que caracteriza os enunciados, em um lugar no tempo, à medida que

são reativados e utilizados, esquecidos ou destruídos. Esse tipo de análise se fundamenta na conservação de certos tipos de suporte e técnicas materiais, que movimentam uma aplicação em práticas que derivam de relações sociais. Isso quer dizer que analisar o enunciado significa promover modos de existências diferentes daqueles cuja materialidade estão nele presentes, ou seja, muitas vezes apagados e destruídos. E é bem sobre esse “fundo” que *os jogos da memória e da lembrança podem-se desenrolar* (2000, p. 143). Em sua *Arqueologia*, Foucault ainda destaca que

a) “Essa análise supõe igualmente que os enunciados sejam abordados na forma de *aditividade* que lhes é específica. Na verdade, os tipos de grupamento entre enunciados sucessivos não são sempre os mesmos e não procedem jamais por simples amontoamento ou justaposição de elementos sucessivos” (p.143)

b) “A análise enunciativa supõe, finalmente, que se levem em consideração os fenômenos da recorrência. Todo enunciado compreende um campo de elementos antecedentes em relação aos quais se situa, mas que tem o poder de reorganizar e de redistribuir segundo relações novas.” (p. 143)

Não estamos falando, portanto, da história como retorno, como volta ao passado ou simples retomada de enunciados pré-estabelecidos historicamente. Referimo-nos à história como um acúmulo que caracteriza os enunciados, que não deixam de se modificar, reinventar-se, destruir-se. Isso equivale a dizer que a descrição de um conjunto de enunciados não está baseada em uma intenção ou no pensamento de um sujeito, mas conforme a dispersão dos próprios enunciados na sua exterioridade, na história.

## Uma estética da existência

A possibilidade de ver os enunciados em suas formas específicas de acúmulo é que nos deixa a brecha para pensarmos a história como obra de arte, ou como sugere Nietzsche (2006, p.59), quando *a história suporta converter-se em obra de arte*. Tanto Nietzsche como Foucault tomarão como ponto de partida o estudo dos gregos para compreender essa relação. Em *a História da Sexualidade III: o cuidado de si*, Michel Foucault vai nos apresentar uma forma de ocupar-se com consigo mesmo, intrincada a uma *ética do domínio*, que é a de *pertencer a si*, numa escrita da história inscrita no presente como forma de subjetivação, quero dizer, a maneira como nossas próprias ações nos constituem como sujeitos. A austeridade dessa reflexão moral não estreita códigos que definem atos proibidos, mas intensifica a *relação consigo pela qual o sujeito se constitui enquanto sujeito de seus atos*.

Essa movência nos coloca em contato com uma ontologia do presente - busca de sabermos quem somos nós - que é conduzida pelas mãos do que os gregos chamaram de *arte da existência – techne tou biou* (FOUCAULT, 1985), fazendo despontar um ‘individualismo’, oferecendo espaço a aspectos “privados” da existência, seus valores de conduta pessoal e, acima de tudo, ao interesse que se tem por si próprio. Cria-se, então, uma atitude individualista atribuída ao indivíduo em sua singularidade e grau de independência tendo em conta sua relação com o grupo ou instituição a qual pertence. A intensificação das relações consigo, que é tomar-se a si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação, exalta uma singularidade individual quando contraposta ao social. Daí, dizer-se da *cultura de si*, que nos fala insistentemente do princípio segundo o qual é preciso “ter cuidados consigo”, ou seja, uma idéia que se fundamenta na aplicação de aplicar-se a si próprio, ocupando-se consigo mesmo.

Conseqüentemente, é esse princípio do *cuidado de si* que fundamentará a sua própria necessidade, comandando o seu desenvolvimento, organizando a sua prática e tornando o viver uma estética do existência: propriamente uma obra de arte do existir.

## Religião, História e produção do novo

Wilson Fernando JÚNIOR

Em mais um encontro do Grudiorcorpo – Grupo de Estudos sobre o Discurso e o Corpo – foi discutido mais um parágrafo da *Segunda Consideração Intempestiva*, de Nietzsche. O oitavo parágrafo, já nas primeiras linhas, trata do assunto da seguinte questão:

[...]justamente nos maiores e elevados homens desenvolvidos historicamente encontra-se com frequência uma consciência sufocada e levada até o ativismo mais universal, do quanto acreditar-se-ia no absurdo e na superstição da que a educação de um povo deveria ser tão preponderante na história como ela é agora [...]. (NIETZSCHE, 2003, p. 66).

O que ele quer dizer com isso é que o conhecimento baseado puramente na história faz do homem um ser preso a uma espécie de anacronismo, sem mudar sua expectativa quanto ao que é novo.

Nietzsche atribui esse pensamento - chamando-o de *memento mori*, que é o mesmo que momento morte - à religião, mais precisamente à judaico-cristã. Diz ele, *Ela [a religião] é a inimiga de todo novo plantio, de todo experimento ousado, de toda aspiração livre* (NIETZSCHE, 2003, p. 68). Para ele, a religião funciona como amarras que impedem o homem de ousar. Em seu ritual histórico, a religião rejeita qualquer possibilidade de ousadia vinda do ser humano.



Agregada à história, ela se utiliza de um tipo de discurso que deixa impotente o homem frente à história. Uma das armas da religião judaico-cristã seria, para Nietzsche, a frequente ameaça ao homem de um futuro tenebroso representado pelo juízo final. Com isso, o homem não deveria ousar no presente, com medo do futuro ou fim da história, e tinha por obrigação viver sempre remetido ao passado. Nietzsche critica fortemente essa maneira de pensar e amarrar o homem à religião.

Para ele, o homem deve deixar de ser um “herdeiro” – ou seja, ser forçado sempre a recorrer ao passado e se fechar ao novo – e passar a ser um “primogênito”, que pode ser inferido como um ser único a cada geração. Aquele que trabalhava em busca do novo, em busca do *memento vivere*.

Seguem alguns pontos abordados pelo grupo.

1) “Era uma vez”, nas histórias infantis, também funcionaria com uma arma contra o pensamento do futuro, uma vez que esse tipo de expressão já remete ao passado, funcionando como se ele fosse espelho para o que se faz no presente.

2) Para Foucault a história não é contínua. Não existe essa linearidade comum no pensamento de que a história passaria por períodos.

3) O juízo final é a-histórico, pois afirma que a história um dia teria fim.

4) Nietzsche propõe o novo como formador de história. Mas que novo? Existiria algo novo? De acordo com a discussão, sim. Não é a essência que seria nova, mas os novos olhares lançados sobre a obra. Trabalhamos sobre as pinturas de Raphael, apontadas por Nietzsche em seu texto. No caso da pintura, a contemplação se dá a cada novo olhar sobre a ela. Quer dizer que um indivíduo que contemplou um quadro em sua época sentiu a essência, percebeu a obra de uma maneira, enquanto que um admirador de hoje contemplaria sob um novo contexto, uma nova história.

5) Nietzsche discorda da ideia de que o envelhecimento é significado de melhor. Isso só reforça aquela ideia de dependência do passado. Para ele, a juventude, representando o novo, é que expressa o que ele chama de *memento vivere*, momento viver.

6) Para Nietzsche, o homem vive o que ele chama de *memento mori* – momento morte – por essa mesma dependência do passado e dessa crença de que é herdeiro dele.

7) Será que Mao teve uma forte identificação com o ideal nietzscheano para relevar adiante seu projeto de Revolução Cultural? A pergunta ventilou nossos cabelos. As respostas não vieram.

8) Hitler, erroneamente, usou o ufanismo germânico de Nietzsche para definir seu projeto de eugenia.

## Primogenitura, ironia e cinismo

Wilson Fernando JÚNIOR  
e Fernanda Fernandes RIVERA

Dando continuidade aos estudos acerca dos escritos de Nietzsche, vamos abordando novos focos propostos. O início do nono parágrafo de *Segunda Consideração Intempestiva* nos propõe que a definição de primogênito pode ser questionada na modernidade. O filósofo questiona sobre se o nosso tempo está preparado ou realmente trabalhando para a primogenitude. Isso se daria pelo fato de nosso sentido histórico ser veementemente grande, ou seja, quase imutável em nossos dias. Os “tempos vindouros” sugeridos por Nietzsche podem ser inferidos como dignos de desconfiança.

Mais à frente e embasando a crítica de Nietzsche aos problemas enfrentados pelos “tempos vindouros”, dois termos nos são apresentados: “ironia” e “cinismo”. Ironia pode ser considerada uma espécie de subversão do nosso conteúdo historicizante, enquanto que cinismo poderia ser inferido como a aceitação dos padrões estabelecidos, ou seja, a não-preocupação em se insurgir, no caso o homem moderno, contra os imperativos dos valores culturais baseados no encadeamento da história. Nietzsche sintetiza, portanto, sua ideia assim: *Aquele que não consegue suportar a ironia busca refúgio no bem-estar de um tal cinismo* (NIETZSCHE, 2003, p.76). O cinismo, como se pode inferir, levaria à aceção de dissimulação do homem. Para Nietzsche (2003, p.78), essa

dissimulação constrói discursos do tipo: *a entrega total da personalidade ao processo do mundo*. Como “processo do mundo” pode-se entender a delegação ou entrega do homem, de uma vez, de seu sentido à cultura meramente baseada na história. O autor considera de modo irônico essa colocação do homem de pensar no “mundo”, enquanto sequer pensa no “homem”. Podemos concluir que esse tipo de pessoa cínica e conformada é o tipo de gente que faria o real processo de mundo estar em pé.

Uma vez mais, Nietzsche bate, e bate bem, na cultura historicizante do homem moderno. Hartmann<sup>11</sup>, filósofo alemão citado por Nietzsche, aparece como fazedor de paródia sobre a história do mundo. No entanto, mesmo citando o livro desse filósofo, “*Filosofia do Inconsciente*”, não nos ficou clara qual sua crítica à história.

Nietzsche compara o “vir a ser” da cultura histórica ao nojo. O homem é obrigado a viver sob a cultura do “vir a ser”, pois, o homem histórico quer

---

11. “*Karl Roben Eduard von Hartmann*, (1842-1906), filósofo alemão, chamado “o filósofo do inconsciente” que em sua metafísica procura conciliar duas correntes contrárias de pensamento, o racionalismo e o irracionalismo, por meio do papel central que atribui ao inconsciente. Hartmann foi um militar por breve período, mas teve que deixar o exército devido a um ferimento no joelho sofrido em 1865 e iniciou então seus estudos de filosofia. Escreveu grande número de trabalhos psicológicos e metafísicos, entre os quais vários estudos sobre os filósofos alemães [Kant](#), [Arthur Schopenhauer](#), e [G.W.F. Hegel](#), além de estudos sociais sobre religião, ética e política. *Die Phflosophie des Unhewusslen* (“Filosofia do Inconsciente”), em 3 volumes, de 1870, é considerada sua obra principal e teve várias edições. Mal interpretado, o livro lhe deu fama de filósofo pessimista. Notável pela diversidade de seu conteúdo, a quantidade de exemplos concretos, e seu estilo vigoroso e lúcido, o livro também trouxe a Hartmann uma exagerada reputação de pessimismo. Realmente, ele se aplica ao pensamento de Schopenhauer, cuja visão pessimista do homem e do mundo lhe deu tal título. Porém, Hartmann tem uma esperança otimista no futuro, dentro da ótica de Hegel, em que um estado da civilização, como antítese, sucede a outro e desses opostos sairá uma síntese, sempre com a perspectiva de um melhor futuro para a humanidade.” Disponível em <http://www.cobra.pages.nom.br/fc-hartmann.html>. Acesso em 24/04/09.

viver a plena entrega de sua personalidade ao processo do mundo, por causa de uma meta, querer a redenção do mundo (NIETZSCHE, 2003, p. 80). Embora tenhamos ficados confusos nesse trecho, podemos considerar que o nojo do qual fala Nietzsche é justamente sobre o homem se entregar a tal pensamento e se deixar por ele levar.

Pelo menos, Nietzsche demonstra ter algum otimismo. Ele diz:

Ainda virá o tempo em que se abdicará sabiamente de todas as construções de processo do mundo ou mesmo da história da humanidade, um tempo em que não se considerará mais de modo algum as massas, mas, novamente, os indivíduos que estabelecem uma espécie de ponte sobre a corrente desértica do vir a ser (NIETZSCHE, 2003, p.81).

O pensamento sobre o qual reside a ideia de “processo do mundo” que atinge as massas deixa o povo egoisticamente pequeno e miserável, mutilado e extinto. Com isso, Nietzsche critica a criação de homens históricos das massas como expressão mais nítida da história. *Se a massa tosca encontrou um pensamento qualquer [...] então justamente o criador e fundador daquele pensamento deve ser tomado como grande* (NIETZSCHE, 2003, p.85 ), afirma o filósofo.

Como não podia deixar de ser, chega a hora de Nietzsche dar mais um chute no estômago da religião. Para ele, a necessidade de se fazer da cultura casta, uma grandeza para atingir as massas, colocou em perigo o ideal do cristianismo. Tomando liberdade e tentando seguir uma lógica com o que Nietzsche quer dizer, pode-se estabelecer o seguinte: 1) o diabo provém das massas e vive pelas massas; 2) *o mais nobre e elevado não produz efeito algum sobre as massas* (NIETZSCHE, 2003, p.85); 3) o cristianismo prega o “poder histórico” e o egoísmo. Pressupomos, portanto, que o egoísmo [o diabo, o Anticristo] deve,

de acordo com aquela concepção, ser nosso deus. Ao mesmo tempo em que prega o discurso do poder histórico sobre nós, a religião do homem moderno simplesmente vem servindo ao Anticristo. O Estado também faria parte desse engodo de servidão ao diabo, quando pelas palavras de Nietzsche, quer “inculcar” nas massas a história.

O papel da juventude “contras as imagens arruinadas do futuro” é novamente apontado, concluindo o parágrafo. Nietzsche, como sempre, rejeita a velhice que é pensamento de herdeiro da história e aposta na resistência natural proveniente da juventude às práticas históricas.

## Juventude, História e saber

Izadora GUEDES

O décimo parágrafo da *Segunda Consideração Intempestiva*, discutido na reunião do dia 31 de março de 2009, encerra a obra em questão, ao mesmo tempo que abre uma série de desdobramentos que podem ser encontrados no pensamento de Nietzsche e, muito além, aponta para nossa própria época.

O texto é iniciado com alusões metafóricas à juventude e à história que desembocam num *protesto contra a educação histórica da juventude, conduzida pelo homem moderno* (NIETZSCHE, 2003, p. 89). Segundo o autor, é preciso ser jovem não somente para entender esse protesto, mas também para despertar, através e instintos naturais, ações que façam perecer os falsos conceitos culturais que conduzem os homens a utilizar a história a serviço da vida aprendida. A partir daí, Nietzsche critica o contentamento generalizado dos alemães com sua própria cultura, pois que, para ele, estes nunca tiveram cultura. A cultura alemã seria apenas uma espécie de saber – falso e superficial – sobre a cultura. Ela é infrutífera, cria uma contradição entre vida e saber, e a educação da juventude alemã partiria justamente de um saber sobre a cultura, não de um saber sobre a vida ou com a vida e própria vivência.

Para ilustrar sua crítica, Nietzsche alude ao sistema político-pedagógico de Platão, em que as crianças eram educadas com a ajuda de “mentiras necessárias”:

as crianças deveriam aprender a acreditar que todas elas já tinham, sonhando, morado por algum tempo sob a terra, onde haveriam sido moldadas e conformadas pelo mestre-de-obras da natureza. É impossível rebelar-se contra esse passado! Impossível reagir à obra dos deuses! (NIETZSCHE, 2003, p. 93).

O autor então declara que assim como a crença na *aeterna veritas* era o fundamento da educação do Estado platônico, também o Estado alemão baseava sua educação numa verdade eterna que, no entanto, desmoronaria quando se deparasse com uma “verdade necessária”, a de que o povo alemão não possuía cultura.

Assim, cabe ao jovem a criação de uma cultura e libertação da vida, que parte do contato com a verdade necessária e de uma luta de si contra si, uma vez que a juventude precisaria educar-se contra si mesma, *em direção a um novo hábito e uma nova natureza, para fora da primeira e antiga natureza e do primeiro e antigo hábito* (NIETZSCHE, 2003, p. 93).

No entanto a vida está enferma, sofre do que Nietzsche chama de “doença histórica”, que seria o excesso de história, contra o qual aponta o autor os antídotos: *os antídotos contra o histórico chamam-se a - histórico e o supra-histórico* (NIETZSCHE, 2003, p. 95).

Na discussão do grupo, para esclarecer a questão da doença histórica no processo de educação dos dias atuais, foi citado o ensino da disciplina Filosofia nas escolas. Basicamente, os alunos aprendem a História da Filosofia, ou seja, de forma cronológica, quem foram os grandes pensadores do sistema filosófico e quais suas principais idéias. Vale ressaltar também que em geral nem as obras desses autores são trabalhadas com os alunos, mas comentários superficiais que buscam resumir os pensamentos dos filósofos. Assim, o ensino de Filosofia



não ensina os alunos a pensar filosoficamente, mas a reproduzir conhecimentos canonizados que, em geral, eles mesmos não compreendem.

Nietzsche conceitua o “a-histórico” como *a arte e a força de poder esquecer e de se inserir em um horizonte limitado* (NIETZSCHE, 2003, p. 95), e o “supra-histórico” sendo *os poderes que desviam o olhar do vir a ser e o dirigem ao que dá à existência o caráter do eterno e do estável em sua significação, para a arte e a religião* (NIETZSCHE, 2003, p. 95).

Já a ciência trabalha apenas com o dado, ou seja, como que veio a ser historicamente e não concebe algo eterno, pois lança o homem no vir a ser. Diferentemente da arte e da religião que a partir do caráter do eterno podem inscrever-se num mundo não-dado, que não está sujeito à ação do tempo e da história.

Para arrematar sua teoria, Nietzsche lança a pergunta: *será que a vida deve dominar o conhecimento, a ciência, ou será que o conhecimento deve dominar a vida?*(NIETZSCHE, 2003, p.96). E ele mesmo responde: *ninguém duvidará: a vida é a mais elevada, a dominante, pois um conhecer que aniquila a vida aniquilaria ao mesmo tempo a si mesmo* (Nietzsche, 2003, p. 96). Assim, Nietzsche conclui que o a - histórico e o supra-histórico são os antídotos contra a asfixia da vida.

E é de maneira esperançosa que o autor encerra o texto trazendo como exemplo encorajador a experiência grega, pois os gregos já se encontraram diante de uma “cultura” que era na verdade uma mistura desordenada e caótica de formas e conceitos estrangeiros, dos mais diferentes povos orientais. E de acordo com a doutrina délfica (“conhece-te a ti mesmo”), voltaram-se para suas necessidades autênticas tornando-se *os mais felizes enriquecedores e proliferadores do tesouro herdado e os primogênito e modelos de todos os povos de cultura vindouros* (NIETZSCHE, 2003, p. 99).

## Onde ela se esconde?

### O percurso da justiça nas Considerações Intempestivas de Nietzsche

Luara Pereira VIEIRA

Passeando pela *Segunda Consideração Intempestiva* de Nietzsche, nos deparamos com o tema geral de seu texto: a construção de uma história à serviço da vida. Com um olhar fugaz, lemos e compreendemos todos os parágrafos da obra, entretanto, como que num piscar de olhos encontramos uma palavrinha que *a priori* nos parecia tão comum, mas que, na verdade, percorre todo o texto do filósofo e nos desperta certa curiosidade pelas suas aparições. Que palavra seria essa? Em qual momento passamos por ela? Alguém reparou? Talvez agora cada um comece a se questionar sobre essa palavra e a buscar lembranças que remetam a ela.

Para quem não sabe, esqueceu ou não reparou a palavra a qual estou me referindo é: **justiça**.

No primeiro parágrafo, ela aparece quando o filósofo nos diz que é possível lembrar-se de tudo: o esquecimento faz parte da vida do homem. É preciso esquecer para que possamos viver o novo. A justiça está justamente aí, em vivermos em um horizonte amplo, no qual despertamos querer e desejo de viver outras situações, e não ser injusto ao ponto de se aprofundar em um horizonte estreito que nos oprime em lembranças e nos aprisiona a elas. Como nos diz Nietzsche (2003, p.13) [...] *nenhum artista alcançará a sua pintura,*

*nenhum general a sua vitória, nenhum povo a sua liberdade, sem antes ter desejado e almejado vivenciar cada uma delas em meio a um tal estado.*

Ao adentrarmos no segundo parágrafo aprendemos com Nietzsche que existem três tipos de história: monumental, antiquária e crítica. Ele vai discursar, nesse tópico, acerca da história monumental, uma história ligada aos grandes feitos, aos grandes homens do passado. A questão da justiça surge pelo fato do filósofo acreditar que é necessário lembrar-se dos heróis, todavia, é preciso ter consciência de que os pequenos homens também constroem história; aí consiste a injustiça da história monumental, em querer conservar uma história apenas dos célebres. Não se leva em consideração a história construída pelos homens vulgares, nada é admissível, somente as grandezas do tempo passado. *Pois eles não querem que o grande surja: seu meio para falar disto é dizer: “Vede, o grande já está aí!”* (NIETZSCHE, 2003, p.24).

O parágrafo três aborda o segundo tipo de história: a antiquária. Uma história que tem por finalidade preservar o que julga ser necessário para o conhecimento das gerações futuras. Dessa forma, o homem vive o presente, mas dá à geração vindoura a oportunidade de conhecer um pouco do passado. No entanto, as pessoas perderam a noção e começaram a preservar tudo, a viver de mofo, somente voltar seus olhos ao passado. Isso é uma injustiça, pois, impede a construção de uma boa história. Nietzsche (2003, p.28) explica: *[...] não há para as coisas do passado nenhuma diferença de valor e de proporção que fizesse, verdadeiramente, justiça [...] sua medida e proporção passam a ser estabelecidas pelo olhar antiquário para trás de um indivíduo ou povo.* Nesse mesmo parágrafo relata também sobre a história crítica, que tem por objetivo questionar e refletir sobre o passado para que as más idéias não se repitam no novo tempo. Só que, na verdade, os críticos apenas tecem julgamentos e nada melhoram, por isso torna-se injusta. Segundo Nietzsche (2003, p. 30), *[...] homens ou épocas, que servem desta maneira à vida, ao julgarem e aniquilarem*

*um passado, são sempre homens e épocas perigosos e arriscados.*

No quarto parágrafo, encontramos o homem moderno sendo comparado a uma enciclopédia ambulante, devido ao fato de ficar estático em si mesmo, na interioridade. Pois, precisamos voltar-nos à exterioridade para conseguirmos construir um saber. Já que a história para estar a serviço da vida precisa que o homem olhe para o passado, interaja com o presente e pense no futuro [...] *esta oposição entre dentro e fora torna o exterior ainda mais bárbaro do que precisaria ser; se um povo rude crescesse somente a partir de si segundo suas necessidades grosseiras* (NIETZSCHE, 2003, p.34). Conforme o próprio filósofo afirma não é justo olhar para o próprio umbigo, é necessário conhecer o que nos rodeia.

O quinto parágrafo diz que com muita história o homem perde um pouco de si. É necessário lançar-se na exterioridade, mas voltar-se depois para si; caso isso não ocorra o homem enfraquece a sua personalidade. Nesse ponto, é uma injustiça uma época saturar-se de história. Devemos viver sempre um equilíbrio, para que a história possa ser construída de forma saudável e correta. Para o filósofo, os homens modernos apossaram-se de máscaras e podem ser considerados eunucos, ou seja, não têm a capacidade de ação diante de sua época: *Quase parece que a sua tarefa fosse vigiar a história da qual nada surge a não ser histórias, mas nenhum acontecimento* (NIETZSCHE, 2003, p. 43).

Quando partimos para o sexto parágrafo encontramos o conflito se o homem moderno pode ou não se considerar o mais justo dos homens. Para Nietzsche, a justiça está intimamente ligada à verdade e nem todos conseguem ser verdadeiros e ainda que fossem necessitariam ter o dom de julgar. Não é justo o homem moderno se considerar o mais justo dos homens, porque *ele se transformou em uma placa passiva de ressonância que age, através de seus repiques, sobre outras placas congêneres, até que por fim toda a atmosfera de uma época se enche com tais ecos [...]* (NIETZSCHE, 2003, p. 50).

O sétimo parágrafo refere-se à injustiça histórica em não ajudar para o amadurecimento do homem, para que ele pudesse ser dono do seu destino e construir o conhecimento futuro. Tudo em virtude de uma história que é vangloriada mais que a própria vida. Assim, é injusto ver que *os homens devem ser ajustados aos propósitos da época, para ajudarem o mais cedo possível; eles devem trabalhar na fábrica das utilidades genérica antes de estarem maduros, sim, e com isso, não amadurecerão [...]* (NIETZSCHE, 2003, p.62).

A religião toma conta do oitavo parágrafo, e Nietzsche diz que ela impossibilita o homem de ação. Nada é aceitável sem que ela deseje. Tudo o que vivemos em nossa época foi colocado pela religião. Então, não devemos mais viver como herdeiros da antiguidade, mas construir nosso próprio saber, ao invés de nos consumirmos de um passado imposto a nós. Aí consiste a injustiça, o homem encontra-se preso à religião sem o poder de construção da história. [...] *ela é a inimiga de todo povo, novo plantio, de todo experimento ousado, de toda aspiração livre; ela resiste a todo voo em direção ao desconhecido [...]* *ela só deixa o que vem a ser se impor contra a vontade [...]* (NIETZSCHE, 2003, p. 68).

O parágrafo nove se resume a responder a questão: *É talvez o nosso tempo um tal primogênito?* O homem moderno é dotado de conhecimento, mas não faz nada para ser exaltado pelas gerações vindouras, nada constrói. Só se voltam para uma história do mundo e esquecem que o homem também produz história. Não é justo pensar só no mundo, chegou a hora de pensar no homem, de colocá-lo como fonte da história. Será que somos apenas *Herdeiros dos gregos e dos romanos? Do cristianismo? Tudo isso parece nada para aqueles cínicos: apenas herdeiros do processo do mundo!* (NIETZSCHE, 2003, p. 76).

Por fim, no décimo parágrafo o filósofo dá um espaço à juventude e nela coloca a possibilidade de fazer o que as outras gerações não fizeram: construir a história do presente, ser homens ativos. Para ele, a juventude está sendo

educada de maneira errônea, estão ensinando-a a história do passado ao invés de ensiná-la a construir conhecimento. Formar uma nova mentalidade por meio da educação da juventude é a única maneira de se construir uma boa história. Torna-se injusto prosseguir assim, porque, segundo Nietzsche (2003, p. 94), *[...] esta vida desagrilhoada está doente e precisa ser curada. Ela está enferma de muitos males [...] ela sofre, o que nos diz respeito especialmente, da doença histórica.*

Não é difícil perceber que todo o texto se enlaça na busca de uma construção correta da história, mas o que encontramos são injustiças que impedem a formação de uma história a serviço da vida, uma boa história. Desse feito, se ela não for nenhuma dessas opções como afirma o próprio Nietzsche, construímos qualquer coisa, menos história. E se juntarmos a esse pensamento os preceitos da Análise do Discurso, compreenderemos que o homem necessita construir um saber, e para isso deve ter a capacidade da interpretação, de procurar associações ou diferenças para os objetos, de compreender as dispersões e perceber que não somos alienados, mas homens e mulheres de ação.

## Referências

ARTIÈRES, Philippe. *Dizer a atualidade. O trabalho de diagnóstico em Michel Foucault*. In: GROS, Frédéric (org.). **Foucault: a coragem da verdade**. São Paulo: Editora Parábola, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FARGE, Arlette. *De la violence*. In \_\_\_\_\_. **Des lieux pour l'histoire**. Paris: Seuil, 1997.

IRMÃOS GRIMM. *O lobo e os sete cabritinhos*. Disponível em [www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=922&cat=Infantil&vinda=S](http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=922&cat=Infantil&vinda=S). Acesso em 25/05/08.

ITAPARICA, André Luis Mota. *Nietzsche e o sentido histórico*. In **Cadernos Nietzsche**. n° 19, São Paulo, Humanitas, FFLCH-USP, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000a.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma Arqueologia das Ciências Humanas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000b.

FOUCAULT, Michel Foucault. *Le langage à l'infini*. In \_\_\_\_\_. **Dits et écrits**. Vol I. Paris: Quarto/Gallimard, 2001b

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 15 ed. São Paulo: Loyola, 2007b.

MILANEZ, Nilton. *A escrita do corpo – fios e linhas do jogo escriturístico na revista*. IN: FONSECA-SILVA, Maria da Conceição; POSSENTI, Sírio (Orgs.). **Mídia e rede de memória**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007, p. 77-91.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro. *O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História*. In SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (org.). **Foucault e os domínios da linguagem**. Discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.

REIS, José Carlos. **A história**: entre a Filosofia e a Ciência. São Palo: Ática, 1996.

REVEL, Judith. *O pensamento vertical: uma ética da problematização*. In GROS, Frédéric (org.). **Foucault. A coragem da verdade**. São Paulo: Editora Parábola, 2004.

REVEL, Judith. *Atualidade*. In \_\_\_\_\_. **Foucault: conceitos essenciais**. Trad. Nilton Milanez e Carlos Félix Piovezani. São Carlos: Claraluz, 2005, p.20-21.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: teoria da história – os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora UnB, 2001.



## Os autores

### **Nilton MILANEZ**

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) com doutorado-sanduiche na Paris III/Sorbonne Nouvelle pela Capes. Atua como Professor Adjunto no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), na área de *Análise do Discurso*, e na Pós-graduação em *Linguagem, Memória e Sociedade*. É líder do Grupo de Pesquisa no CNPq intitulado *Grupo de Estudos sobre o Discurso e o Corpo (Grudiocorpo)*. Coordenador do *Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo (Labedisco/UESB)*. Participou da organização e tradução do livro *Metamorfoses do Discurso político: derivas da fala pública*, de J.-J.-Courtine, São Carlos, Editora Claraluz, 2006, da tradução de *Foucault: conceitos essenciais*, de Judith Revel, São Carlos, Editora Claraluz, 2005 e do *Dicionário de Análise do Discurso*, de Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau, São Paulo, Editora Contexto, 2004. Possui várias publicações em capítulos de livros e artigos de revistas científicas sobre Análise do Discurso, discutindo as relações entre corpo, memória e identidades.

### **Janaina de Jesus SANTOS**

Especialista em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestranda em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Coordenadora pedagógica do Museu Regional de Vitória da Conquista. Desenvolve suas pesquisas em Análise do Discurso junto ao Grudiocorpo/UESB/CNPq – *Grupo de Estudos sobre o Discurso e o Corpo* e ao GPADIS/UFU/CNPq – *Grupo de Pesquisa de Análise do Discurso*. Possui várias publicações em capítulos de livro nos quais discute as relações entre cinema e discurso.

### **Wilson Fernando JÚNIOR**

Graduando no curso de Comunicação Social/Jornalismo; aluno do Programa de Iniciação Científica Voluntária da UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

### **Fernanda Fernandes RIVERA**

Graduanda no curso de Comunicação Social/Jornalismo; aluna do Programa de Iniciação Científica, bolsista FAPESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

### **Luara Pereira VIEIRA**

Aluna do curso de Especialização: Comunicação e Marketing Empresarial, na Faculdade Juvêncio Terra - em Vitória da Conquista/BA; Bacharel em Comunicação Social (Jornalismo), na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- Uesb – VIC/BA; Bolsista FAPESB do Projeto de Pesquisa - *Corpo e Discurso: lugares de memórias das identidades brasileiras na mídia e na literatura*; participante do GRUDIOCORPO/CNPq- *Grupo de Estudos sobre o Discurso e o Corpo*.

### **Izadora GUEDES**

Graduanda no Curso de Direito, aluna do Programa de Iniciação Científica voluntária da UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

## ESTUDO DO DISCURSO

### Diálogos entre Nietzsche e Foucault

Nilton Milanez (org)  
niltonmilanez@hotmail.com

2010



labedisco@gmail.com  
(77) 3424 8600

Lúcia Ricotta, Luci Mara Bertoni, Túlio Henrique Pereira, Luara Pereira Vieira,  
Gracielly Bittencourt Machado, Gleyson Lima dos Santos (Colaboradores)

Joseane Silva Bittencourt, Lyzânias Gomes Pereira (Revisão de Linguagem); Jacinto Bráz David  
Filho (Nominalização Técnica)



#### MARCA DE FANTASIA

Av. Maria Elizabeth, 87/407  
58045-180 João Pessoa, PB  
editora@marcadedefantasia.com  
www.marcadedefantasia.com

Edição: Henrique Magalhães

A editora Marca de Fantasia é uma atividade do Grupo Artesanal - CNPJ 09193756/0001-79  
e um projeto do Namid - Núcleo de Artes Midiáticas do Programa de Pós-Graduação em  
Comunicação da UFPB

---

E79 Estudos do Discurso: Diálogos entre Nietzsche e  
Foucault. Nilton Milanez (org.). - João Pessoa:  
Marca de Fantasia, 2009.  
60p.  
(Série Veredas, 12)  
ISBN 978-85-7999-000-7  
1. Linguística. 2. Análise do Discurso. I. Milanez,  
Nilton.

CDU: 801

---

### **Cópia livre Marca de Fantasia**

Obra digitalizada e distribuída gratuitamente para o benefício daqueles que não podem comprá-la. A venda deste e-book é totalmente condenável, portanto distribua-o livremente. Após a leitura, adquira sua versão impressa, assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.